

JOVENS, SEXUALIDADE E EDUCAÇÃO: HOMOSSEXUALIDADE NO ESPAÇO ESCOLAR

OLIVEIRA, Meire Rose dos Anjos – UFMT - meirerosegeo@yahoo.com.br

MORGADO, Maria Aparecida – UFMT- morgadom@terra.com.br

GT: Gênero, Sexualidade e Educação/ n. 23

Agência Financiadora: Sem Financiamento

As preocupações com o tema desta pesquisa, homossexualidade no espaço escolar, surgiram da experiência profissional na educação e das observações propiciadas pelo trabalho em sala de aula. A abordagem do tema expressa uma questão recorrente ao longo de toda a trajetória profissional: compreender o sentido da educação, da escola e da prática pedagógica e nas suas relações com a sociedade e com as demandas sociais.

Na vivência em sala de aula percebeu-se que ensinar e aprender são processos que exigem e resultam em uma grande interação entre professores e alunos. Interação esta que se torna mais rica, quando os educadores conhecem os alunos, sabem como vivem, suas lógicas de aprendizagens, como se relacionam com os saberes e valores instituídos e difundidos pela Escola, e como merecem ser respeitados nesse espaço.

Conhecer mais sobre os saberes, sobre os valores, sentidos e significados construídos pelos jovens homossexuais em sua passagem pela escola, é também acreditar que este conhecimento poderia ajudar muito na relação professor-aluno e na apropriação, por alunos e professores dos saberes escolares.

Percebe-se dentro das escolas a existência da diversidade e como o tratamento uniforme quanto ao aluno esconde muitas diferenças, tanto em relação à etnia, à religião, origem regional, orientação sexual, dentre outras.

Para muitos professores com os quais houve e há convivência, os alunos são, geralmente, caracterizados pelo negativo. Alguns destes professores já trazem consigo uma definição de como os jovens deveriam ser e agir.

Um fato relevante para o interesse no estudo de jovens homossexuais foi à dificuldade de convivência, socialização ou angústia de um aluno desta pesquisadora dentro do espaço escolar. Não poder se expressar, ser rotulado, ser alvo de *bullying* homofóbico - leia-se brincadeiras de mau gosto em salas de aula - tanto por parte dos colegas quanto dos professores, chamou a atenção para o trabalho que a escola está ou

não fazendo quanto à discussão da sexualidade e por consequência da homossexualidade em seu meio.

E a escola tem o dever de reverter esse quadro. O Ministério da Educação, através dos Parâmetros Curriculares Nacionais - PCNs (1997), oferece às escolas a possibilidade de trabalhar orientação sexual com seus alunos, incluindo conceitos básicos e informações sobre homossexualidade aos estudantes das mais diferentes faixas etárias.

Se for consenso que a educação é a melhor forma para combater o preconceito e a discriminação, o que acontece quando a própria escola não sabe como - ou não quer - lidar com a questão? A escola avançou nos últimos anos na discussão de temas como discriminação racial, gravidez na adolescência e respeito aos portadores do vírus da AIDS. Mas, quando se trata de homossexualidade no ambiente escolar, fica evidente que professores, orientadores e pais não estão preparados para lidar com o tema.

A questão da visibilidade da homossexualidade na educação brasileira torna-se urgente. Uma pesquisa da Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura - UNESCO sobre juventude e sexualidade (Abramovay, 2004), envolvendo estudantes brasileiros do ensino fundamental, seus pais e professores, revelou que, também, os professores não apenas se silenciam frente à discriminação de homossexuais, mas até colaboram ativamente na reprodução dessa violência.

Na mesma pesquisa, agora sobre a percepção dos professores quanto aos valores sociais, estes tendem a defender condutas que condizem com os comportamentos considerados aceitáveis pela sociedade. Muito embora a maioria dos professores concorde com a introdução de temas contemporâneos no currículo, tais como prevenção às drogas, saúde reprodutiva, muitos continuam a tratar a homossexualidade como doença, perversão ou deformação moral.

A escola é considerada um espaço de relações sociais, onde amizades são feitas e o mundo vai se constituindo juntamente com a construção de sua auto-imagem, porém, pode ela constituir-se em um ambiente tolerante para homossexuais?

O que se buscou responder neste estudo é se a escola é realmente espaço de socialização para jovens homossexuais, se ela está preparada para discutir e desenvolver meios para promover a aprendizagem e a convivência de jovens homossexuais em seu espaço e quais consequências poderão existir na vida dos jovens a partir do que aconteceu na escola.

Diante desses questionamentos e compartilhando a discussão com vários autores, é que o presente trabalho procurou discutir a relação educação, juventude e homossexualidade. Também foram realizadas entrevistas com dois jovens homossexuais *assumidos* e maiores de dezoito anos, Bernadete e Raul, os nomes são fictícios. O estudo foi realizado em Cuiabá, capital do Estado de Mato Grosso.

Para encaminhar a discussão proposta, delineou-se a seguir o campo teórico metodológico que dá suporte ao estudo e apresentação das análises das entrevistas.

Tratar do tema Educação Sexual não é novidade, principalmente quando se pensa na questão da sexualidade na escola. Sobre a entrada da sexualidade na escola brasileira, os PCNs (1997) revelam que é apenas em meados dos anos 80, que a demanda por trabalhos começa a preocupar os educadores, em virtude do grande número de gravidez precoce, entre adolescentes e do aparecimento da AIDS, entre os jovens.

Em 1997, O Ministério da Educação e do Desporto propõe os PCNs para o Ensino Fundamental em todas as escolas do país. Essa proposta curricular inclui, como um dos temas transversais, a Orientação Sexual a ser abordada pelos professores de 1ª à 4ª série, permeando as diversas disciplinas. Em 1998, a proposta se expande, abrangendo o currículo de 5ª à 8ª série do Ensino Fundamental e Ensino Médio.

Dos anos 90 até os dias atuais, muitas discussões vêm sendo elaboradas com o objetivo de subsidiar os educadores a discutirem a sexualidade na escola.

Educação sexual e orientação sexual são terminologias muito conhecidas, usadas e, por vezes, confundidas, apesar da semelhança dos termos, estes diferem no seu significado, sendo necessário diferenciá-los.

Atualmente, o termo mais utilizado entre os profissionais de saúde e educação é o de Orientação Sexual. Neste estudo, optou-se por Orientação Sexual, contudo é interessante que se conheça o significado da expressão Educação Sexual.

Educação Sexual é um conjunto de informações desenvolvidas de forma assistemática sobre a sexualidade. Esse processo é não intencional, e envolve toda a ação exercida sobre o indivíduo no seu cotidiano. Surge no seio familiar e em outros grupos de convivência, tende a reproduzir nos jovens os padrões de moralidade de uma dada sociedade.

Por outro lado, diferencia-se da Orientação sexual que é um processo de intervenção sistematizado, planejado e intencional, promovendo o espaço de acolhimento e reflexão das dúvidas, valores, atitudes, informações, posturas,

contribuindo para a vivência da sexualidade de forma responsável e prazerosa, é intencional.

Nas escolas, é a partir da idéia de heterossexualidade que os conteúdos sobre sexualidade são elaborados, tais como funções dos corpos masculinos e femininos, fecundação, gestação, partos e aleitamento. Sobre essa matriz, apenas o que se encaixa no sentido normal e natural são selecionados para fazer parte do currículo.

Ensinar sobre a sexualidade tornou-se, por extensão, ensinar sobre a sexualidade que dita normas e iguala os indivíduos em torno da heterossexualidade *naturalizada*. Ao incorporar o tema da sexualidade ao currículo, a escola arriscou-se a reduzir todas as dimensões múltiplas da sexualidade a um único aspecto, tornando-a assim um conteúdo possível de ser ensinado no programa de alguma disciplina. O trabalho sugerido pelos PCNs implica a compreensão de que os conteúdos, concepções e objetivos propostos como Orientação Sexual deverão ser contemplados pelas diversas áreas do conhecimento, *passar* por diversas disciplinas.

A vinculação da sexualidade aos campos médico, psicológico e religioso ainda se reflete, na atualidade, na proposição de questões acerca do tema no campo educacional, principalmente na abordagem da sexualidade *dita desviante*, a homossexualidade, por exemplo.

Os padrões de vida sexual são o resultado de um processo histórico-social e cultural no qual classe e comportamento sexual estão ligados, como se vê nas possibilidades de variações do erotismo como é o caso da homossexualidade (Barbero, 2005). A homossexualidade pode decorrer da articulação dos mencionados fatores histórico-sociais e culturais e fatores psicológicos, com destaque para o processo de identificação (Morgado, 2002), resultando no desejo de se vincular emocional e sexualmente a alguém do mesmo sexo.

Não há consenso entre cientistas sociais, antropólogos, médicos, biólogos, psicólogos e psicanalistas acerca das origens e causas da homossexualidade, embora sejam sempre recorrentes às pesquisas científicas destinadas a encontrar uma resposta que ponha termo a esse enigma. Seja para legitimar o preconceito contra os homossexuais, seja para amenizar a intolerância, muito já se afirmou sobre supostas causas e origens do desejo homossexual, por meio de “teorias” que privilegiam, ora isoladamente, ora em combinações variadas, aspectos endocrinológicos, genéticos e ambientais.

Diferentemente das indagações sobre as causas da homossexualidade, presentes nos outros campos, a abordagem do tema pela escola, neste trabalho, parte do ponto de que ela existe, seja de uma maneira ou de outra.

Neste trabalho, será considerada homossexual toda pessoa que sente desejo por pessoas do mesmo sexo.

Percebe-se, nas conversas com os jovens que a sexualidade é tema de prioridade para eles, provoca debates, polêmicas, interesse e atenção. Para os jovens, sexualidade se entrelaça tanto com afetividade, quanto com sociabilidade e relações sociais de distintas ordens. A juventude é uma fase em que a experimentação da sexualidade vai possibilitar uma estruturação de sua identidade. Assim preconceitos e crenças organizam as possibilidades sexual-afetivas dos jovens. Segundo Figueiredo (1998, p. 9):

Reconhecer a sexualidade como construção social assemelha-se a dizer que as práticas e desejos são também construídos culturalmente, dependendo da diversidade de povos, concepções de mundo e costumes existentes, mesmo quando integrados em um só país, como ocorre no Brasil. Isso envolve a necessidade de questionamentos de idéias majoritariamente presentes na mídia, em condutas idealizadas, que são "naturalizadas", e, assim, generalizadas para todos os grupos sociais, independentemente de suas origens e localização.

A juventude é também ciclo decisivo para demarcação de diferenças de gênero no campo da identidade. Tais diferenças podem potencializar criatividade, singularidade como podem tender a reproduzir divisões sexualizadas com assimetria e desigualdade. É, portanto, natural que expressiva literatura no campo da sexualidade tenha-se voltado para o lugar da escola e da educação de jovens.

Abramovay em sua pesquisa "Juventudes e sexualidade" (2004), capta vulnerabilidade junto aos jovens no campo da sexualidade mostrada por alguns indicadores, como casos de desconhecimento sobre ciclos reprodutivos, gravidez juvenil, preservativos, conversa com adultos, limites individuais e discriminações por conta de gênero e da orientação sexual.

Mais que ressaltar níveis em termos estatísticos, vale o alerta de que essas vulnerabilidades existem, como sugerem distintos depoimentos, e ferem, doem, magoam e comprometem o que pode ser um dos construtos mais ricos e importantes da vida dos seres humanos, do processo de construção identitária dos jovens, a sexualidade - principalmente se entendida como ela de vida, afetividade e sentimentos, ou seja, além da genitalidade e anuidade. (ABRAMOVAY, 2004, p. 210)

Essas vulnerabilidades são passíveis a mudanças, como também para potencialidade, quer para felicidade individual, quer para convivência social mais perene, da busca de prazer pelos jovens, não sempre são entendidas quando conhecimento se move apenas no campo da ciência e da informação, em termos de prevenção.

A juventude, época permeada por diversos conflitos, torna-se muito mais difícil de ser superada quando se trata de escolhas amorosas diferentes dos padrões heterossexuais.

Deco Ribeiro (2004), coordenador de um *site* desenvolvido para o público de jovens homossexuais, avalia que um dos grandes problemas é que o jovem que é alvo dessa violência, não tem a quem recorrer.

Muitos professores são os primeiros a fazer piadinhas de homossexuais. E os pais são os atores mais conservadores de todo esse cenário: ainda custa muito para um pai e uma mãe aceitarem um filho gay, uma filha lésbica. Travesti então, nem se fala!Custa muito mesmo. Custa a vida de muitos filhos, irmãos, sobrinhos, netos. Garotos de 12, 14, 16 anos, que tiram a própria vida por não suportarem mais viver diante da cobrança de mudar uma característica tão própria deles, e ao mesmo tempo tão natural. Ninguém é gay porque quer, mas pedir pra eu deixar de ser é como pedir pro meu olho deixar de ser castanho e virar azul. Simplesmente não dá. (E-jovem)

Esse é um tipo de estranhamento, que para vários autores associa-se à representação da masculinidade ou da masculinidade legítima e aprendida como a *normal*, e que pode-se traduzir em diversos tipos de violências, comumente encontrada na literatura sobre jovens, diz respeito à discriminação contra os homossexuais.

Embora os jovens estejam mais envolvidos na violência chamada de *dura* (Chesnais in Abramovay e Rua, 2002), a percepção de rapazes e moças sobre o que é violência muito se assemelha. Na pesquisa "Juventudes e sexualidade", quando solicitados a indicar, as cinco mais graves formas de violência, selecionam os mesmos itens, mas com uma singular exceção: a questão da agressão a homossexuais. Bater em homossexuais é classificada pelas jovens como a terceira violência mais grave, enquanto para os jovens ela ocupa a sexta posição. Ou seja, a discriminação contra homossexuais, é menos valorizada pelos jovens rapazes, não é abertamente assumida, o que sugere um padrão de masculinidade por estereótipos e medo ao estranho próximo, o outro que não deve ser confundido consigo.

Em 2003, a Rede Globo de Televisão, retratou em uma de suas telenovelas a história de amor entre duas jovens homossexuais perfeitamente aceitas no colégio em que estudavam, mas com alguns problemas de aceitação por parte dos pais. Porém, a realidade está longe da ficção, na pesquisa "Juventudes e Sexualidade" constatou-se que cerca de um quarto dos estudantes ouvidos não gostariam de ter um colega de classe homossexual. Entre os professores, a rejeição explícita à homossexualidade é bem menor que a rejeição dos pais (Abramovay, 2004).

Percebe-se pelos dados coletados nesta pesquisa, que a família ainda sente dificuldade em tratar da homossexualidade em seu seio, não existe diálogo sobre sexualidade. Na pesquisa de Abramovay, em Cuiabá, a proporção de pais que não gostaria que homossexuais fossem colegas de classe dos seus filhos é considerável, cerca de 35,5% dos 369 pais entrevistados deram resposta negativa. Isso também pôde ser evidenciado na resposta da jovem Bernadete, quando perguntada sobre as lembranças que guarda das relações familiares.

[...] Assim, minha família como eu falei sempre foi muito presente, né? Sou a neta mais velha, então, tudo meu a família acompanhou né? [...] E aí assim, o momento mais marcante no que se refere a orientação foi [...] quando a família materna, teve conhecimento da minha orientação e aí causou um impacto fortíssimo, apesar da minha mãe já..., que ela sabia né? Quando as outras pessoas da família: o avô, tio, ficaram sabendo é, foi muito complicado, eles queriam assim, uma posição da minha mãe, que ela fizesse alguma coisa, tipo como que você vai aceitar isso, você não vai fazer nada? Então foi complicado, eu acho que até pelo fato de eles sempre terem participado da minha vida e assim, por mais que eles tiverem dúvidas a respeito, não souberam que era ou se não era, eles não esperavam, que fosse assim..., acontecer neste momento

Apesar da boa relação familiar, a partir do momento em que assumiu sua homossexualidade, passou a ter dificuldades em se relacionar com os parentes.

Em relação aos amigos, assumir ou não a homossexualidade, para os dois sujeitos, passa a ser condicional, para os amigos mais íntimos aqueles que pertencem ao espaço privado, torna-se mais aceitável a estes a sua condição de homossexual. Enquanto que para os outros, os do espaço mais aberto, torna-se inviável demonstrar a condição não heterossexual.

Raul diz que, "para os meus amigos eu digo que eu sou homossexual", não tem problema se aceitarem ou não a sua condição homossexual. Porém, Bernadete ainda tem restrições quanto à algumas pessoas do seu círculo de amizade,

[...] é, eu só contei para aqueles que eu acho que teria uma boa recepção, pra quem eu considero que teria uma má recepção eu não contei porque eu acho que não é necessário, porque assim... eu tenho medo de mudar o relacionamento comigo entendeu? Mas as pessoas que eu considero

melhores amigas, levam numa boa, com tranqüilidade, a maioria dos meus amigos são gays, então, também não tem tanta diferença. Os que não são, demoram um pouquinho pra se acostumar, mas agora, depois de ter aproximadamente um ano e meio que eu, sai do armário entre aspas, tá ok, ninguém nunca veio falar que absurdo, eu tenho uma amiga que é amiga desde pequenininha que ela fala assim " porque que você não experimenta homem, vai que você gosta"?

O fato de assumir não é uma obrigação, e sim deve-se fazê-lo quando achar necessário e seguro, alguns amigos assim como na família reagem bem, e outros não com a realidade. Quando alguém resolve contar para os amigos retira das costas o peso da enganação, mas nem sempre será bem recebido ou recebida, talvez seja essa razão de Bernadete não contar para todos os amigos.

Percebe-se que a preocupação dos jovens homossexuais, os "diferentes", continua tendo sentido. Barbero (2003b) diz que,

[...] apesar dos progressos nas discussões dos especialistas, [...], ainda enfrenta-se na vida cotidiana destas pessoas, situações trágicas [...], e um número de suicidas notável na faixa dos adolescentes gays, segundo afirmam assustadoras estatísticas (BARBERO, 2003b, p.29)

Para muitos jovens parece ser mais fácil morrer, ou serem infelizes do que contar para os pais, amigos e professores que são homossexuais.

A questão econômica também influencia o jovem a assumir sua homossexualidade ou não, o que pode ser claramente percebido na fala de Bernadete, a indignação de sua família quanto ao aspecto financeiro diante de sua homossexualidade, *"nós pagamos a escola particular pra você a vida toda... a gente tá te mantendo em outra cidade, e você é homossexual, é isso que você retribui pra gente, é esse o seu agradecimento"*.

O jovem não trabalha, tem que estudar, porém, existem gastos para a sua diversão, e enquanto homossexual tem que se omitir para não criar situações constrangedoras por causa da cobrança da família em relação à sua sexualidade. Ou talvez seja o contrário, muitos jovens homossexuais acabam por abandonar a escola, para trabalhar e daí poder afirmar sua orientação sexual, ninguém paga suas contas, logo ninguém tem nada a ver com sua sexualidade, essa é a idéia de muitos.

Notou-se também a clara falta de conhecimento a respeito da homossexualidade por muitos jovens, Raul um dos entrevistados, afirma que a partir de sua relação afetiva com o avô, sua homossexualidade passou a ser percebível, e essa é uma preocupação repetida várias vezes na entrevista, o fato de como ele *tornou-se* homossexual. Sabe-se que a orientação sexual de cada um é resultante de uma combinação de fatores

genéticos, ambientais e hormonais. Tornar-se homossexual ou heterossexual ainda é uma incógnita. Isso reforça o conhecimento construído e alicerçado sobre tabus e preconceitos (Costa, 1996).

Barbero (2003a) apresenta o que talvez possa ser uma justificativa para diminuir essa grande preocupação de Raul:

[...] o principal é que a sexualidade seja vivida sem traumas e, penso eu, respeitando os valores éticos que deveriam reger qualquer relacionamento social, especialmente o respeito pelo outro na sua diferença que não é a mesma coisa que a aceitação de postulados moralistas sobre as condutas eróticas ou sexuais, que já não fazem sentido algum neste final de século que estamos vivendo (BARBERO, 2003a, p.12).

Barbero se refere ao que ainda afirmam muitos psicanalistas a respeito da homossexualidade ser uma anomalia, idéia que já foi retirada da Classificação Internacional de Doenças pelo Conselho Federal de Medicina em 1980, pela Organização Mundial de Saúde em 1990 e pelo Conselho Federal de Psicologia em 1998.

Se na família que é o primeiro lugar social de uma pessoa e entre os amigos existe a dificuldade em conversar sobre sexualidade e homossexualidade, na escola não será diferente. Constatou-se, que no espaço escolar existem entraves de relações quanto a homossexualidade, os professores enfrentam dificuldades no manejo escolar quando estudantes abertamente homossexuais são discriminados por colegas, o que acarreta prejuízos à aprendizagem desses jovens discriminados e na interação deles com colegas e professores.

Bernadete afirmou que em uma das escolas em que estudou, a sexualidade era trabalhada no sentido biológico, *questão da prevenção, o lado reprodutivo e nunca pelo lado do prazer*. Trabalhar com sexualidade na escola é trabalhar com aprendizagem, sendo que a possibilidade de oferecer condições de aprendizagem cresce à medida que se recuperam as experiências da corporeidade, experiência do pertencimento a um corpo, centro de sensações e percepções, responsáveis pelo conhecimento e reconhecimento que temos de mundo.

Para Alícia Fernandez (1990) aprendizagem é:

Um processo que envolve dois personagens, o ensinante e o aprendente, e um vínculo que se estabelece entre ambos, sendo que se deve sempre ter presente nessa relação entre o organismo individual herdado: o corpo construído especialmente; a inteligência auto-construída interacionalmente e a arquitetura do desejo, que é sempre desejo do desejo de outro (FERNANDEZ, 1990, p. 47).

É preciso começar a integrar as dimensões de sexualidade e aprendizagem, que na verdade é contemplado pelas propostas dos PCNs, haja a vista a dificuldade das escolas dos dois sujeitos em trabalhar sexualidade, segundo Barroso e Bruschini (1998) é uma problemática que se associa a questões complexas, de cunho existencial e institucional. As dúvidas dos jovens vão além da informação, passando por experiências de vida pessoal, íntima, sendo que os professores sentem-se, muitas vezes, constrangidos a se posicionarem.

É séria esta relação entre sexualidade e educação, a jovem homossexual desta pesquisa, Bernadete, afirmou em uma de suas falas que por causa do constrangimento, do fato de tornar sua diferença em desigualdade, seu rendimento escolar caiu, teve dificuldades de aprendizagem. Ela não abandonou a escola, porém, muitos jovens não conseguem suportar a pressão e abandonam a escola.

Até eu descobri, eu sempre fui assim bem popular em sala de aula, eu sempre tava envolvida com grêmio, liderança de turma, comissão de formatura, essas coisa assim, organizar festinhas, [...] só que eu nunca fui de ter assim muitos amigos, eu me envolvia mas tinha poucos amigos, né? Era sempre mais assim, colegas, conhecia todo mundo, mas eu não tinha muitos amigos. Quando eu me descobri assim é, ficou diferente, porque eu passei a viver no meu gueto, né? Era eu e a namoradinha, e as amigas que sabiam que pra elas não importava eu ser ou não. Então era um grupinho restrito, isso foi na época de segundo ano do segundo grau. As notas até caíram também.

Para Bernadete existiu mudança de tratamento no antes e depois de ter percebida a sua orientação, há também preocupação com a aprendizagem, suas notas e seu rendimento escolar caíram diante das manifestações de recusa de seus professores e colegas. A aprendizagem é facilitada pela associação ao afeto e ao prazer que a relação educativa pode ou deve proporcionar. Assim, a dor da indiferença, da tensão sem dúvida são fatores antagônicos à formação do conhecimento e da personalidade.

Nota-se que a escola ainda mostra certa ignorância sobre a sexualidade, ela que deveria ser um lugar de construção do conhecimento, produz, o seu ocultamento, evidenciando também negligência em relação ao tema, apoiando-se em mitos baseados na heterossexualidade .

A esses mitos, associa-se a ignorância como uma forma de proteção. A idéia de que, quanto menos os jovens souberem sobre a homossexualidade, tanto mais serão protegidos contra ela. Em uma das falas de Bernadete isso é claramente demonstrado, "[...] se for fazer isso a gente acha que é melhor transferir você ou chamar seu pai e sua mãe prá dar um jeito na sua vida", quando da descoberta pela escola a respeito de sua

orientação sexual, a diretora achou melhor, ela omitir sua sexualidade ou sair da escola para não *contaminar* outros jovens, como forma de proteção.

No espaço escolar as relações entre professores e alunos têm de perpassar a formação cultural, a sexualidade e as vulnerabilidades de cada um. Nos depoimentos de Bernadete e Raul eles afirmam que se comportavam sexualmente iguais aos outros - de acordo com a heterossexualidade, a relação entre professor - aluno acontecia de maneira diferente, eram cordiais, o que não continuou após saberem de sua orientação homossexual.

Os dois jovens homossexuais relatam os constrangimentos a que foram submetidos ao assumir publicamente sua orientação na escola. Deixaram de ser bons alunos, amigos fiéis para se tornarem quase que exclusivamente homossexuais, como se fossem *marcianos*. O que tem que ser entendido é que nossa sexualidade deve representar um potencial de escolha, mudança e diversidade. Mas, no entanto, a escolha de assumir-se homossexualmente na escola, transformou em destino, ou pior em aprisionamento.

Segundo Dayrell (2002) a escola é pouco eficaz no seu aparelhamento para enfrentar condições adversas de vida com as quais vieram defrontando, assim não constitui referências de valores no processo de construção de valores do sujeito, levando os jovens, neste caso jovens homossexuais a baixar sua auto-estima. Nos dois casos, os jovens pesquisados, viveram situações de relação ou afetiva-amorosa ou sexual no espaço escolar, foram rechaçados, entre outras ações, a escola os teriam de certa forma ameaçados de expulsão, quando menciona o fato de que se não abandonarem o que estavam sentindo, poderiam ser transferidos da escola, foram considerados *personas non gratas*, pelo fato de alguma maneira manifestarem essa sexualidade, sendo homossexuais.

Quando no espaço escolar passa a existir esse tipo de comportamento em relação aos jovens homossexuais, a escola está agindo como reprodutora de diferenças no tom de desigualdade. Ser diferente não significa ser desigual, na escola devem surgir conflitos, mas também entendimentos mediante circunstâncias que possam ser construídas pelos sujeitos envolvidos na ação pedagógica, onde a alteridade, o respeito pelo outro, façam-se presentes na prática cotidiana escolar. Porém, foi o que não existiu, segundo os entrevistados.

O mundo social se organiza segundo a lógica das diferenças, quando a escola trata o tema da homossexualidade de forma desigual, estará reproduzindo a idéia de que

as relações sociais, afetivas e amorosas têm que ser somente segundo a heterossexualidade.

A partir do momento que são negadas a discussão, compreensão e tolerância à homossexualidade, a escola deixa de ser um dos espaços para jovens homossexuais, o segundo mais importante, logo depois da família. O que os faz buscar outros *espaços* ou *territórios*.

O território pode ser entendido como um produto da subjetividade de indivíduos ou grupos sociais que se apropriam de determinados espaços da cidade, logo é um *espaço social* (Souza, 1995). A construção dos territórios é um processo dinâmico de atribuição de significados.

O território segundo Souza (1995) pode ser:

[...] Um campo de forças, uma teia ou rede de relações sociais que, a par de sua complexidade interna, define, ao mesmo tempo, um limite, uma alteridade: a diferença entre nós e os outros (SOUZA, 1995, p. 86).

A atribuição de significados aos espaços nasce de sua utilização direta, e da sua estreita ligação com os processos sociais e culturais de construção social, são os laços afetivos com o espaço e as pessoas, o que é chamado de *topofilia* por Yi Fu Tuan (*apud*. Souza, 1995).

O que aconteceu com os dois jovens homossexuais pesquisados, é que não encontrando lugar no espaço escolar, acabam aderindo a territórios criados por grupos que apresentam mesma orientação sexual. Raul entende-se homossexual, devido a sua atuação na organização não-governamental em que participa, lugar ou território onde são discutidos assuntos de interesses comuns a todos que freqüentam a organização. Bernadete acaba por freqüentar lugares específicos de diversão, bares e boates gays, e cita um ponto de encontro de jovens homossexuais que acontecia no antigo terminal de ônibus da cidade. A possibilidade de um certo controle na forma de participação efetiva sobre o seu espaço vivido é decisivo. Sem essa participação efetiva, falta um requisito indispensável à transformação dos jovens homossexuais em cidadãos (Souza, 1995).

Algo importante que também chamou a atenção foi o reconhecimento da *Parada gay* como espaço de demonstração da homossexualidade para a sociedade.

A exposição da homossexualidade, por tanto tempo confinada ao espaço privado, ganha destaque nos meios de comunicação com repercussão na sociedade. O público em torno desse acontecimento se torna, a cada ano, mais diversificado. A parada se tornou mais do que uma grande festa, mas também mecanismo utilizado pelo Movimento Homossexual de quebras de preconceitos e estereótipos, é uma forma de

propiciar o convívio social entre diferentes manifestações de sexualidade. Nota-se também nesse evento a expressiva presença de jovens, talvez por causa do colorido, da grande mistura de *tipos*, pois a juventude é caracterizada também pela sua alegria, pelo movimento e ímpeto natural, o que pode ser encontrado neste evento.

O movimento homossexual atual está mais organizado, existem várias organizações não-governamentais como a Associação da Parada do Orgulho GLBT de São Paulo, o Movimento Gay da Bahia, o Movimento Gay de Minas Gerais e o Livre Mente de Cuiabá que desenvolvem trabalhos específicos para lésbicas, gays, bissexuais, transgêneros e jovens. Isso mostra que a intenção não é somente de festa, mas de educação para o desenvolvimento e fortalecimento dessas pessoas como cidadãos na luta diária. Surgem assim, espaços sociais homossexuais específicos, mas também a capacidade de levar as ações educativas para outros espaços de sociabilidade homossexuais e também heterossexuais como bares, boates e algumas escolas.

Outros territórios podem ser criados para a discussão da sexualidade, mas a escola é de fato espaço central de expressão da sexualidade juvenil. A discussão da sexualidade/homossexualidade na escola não é final e nem contempla conclusivamente todos os aspectos da vida sexual, mas pode ter conseqüências e ramificações político-pedagógicas nesta e em outras dimensões da vida social.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABRAMOVAY, M. (Org.). **Juventudes e Sexualidade**. Brasília: UNESCO, 2004.

ABRAMOVAY, M; RUA, M.G. **Violências nas escolas**. Brasília: UNESCO, Instituto Ayrtons Senna, UNAIDS, Banco Mundial, USAID, Fundação Ford, CONSED, UNDIME, 2002.

BARBERO, G.H. **Homossexualidade e perversão na psicanálise: uma resposta aos Gays & Lesbian Studies**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2005.

_____ A psicanálise e as manifestações contemporâneas da sexualidade. Um outro saber possível. In: **Pulsional - Revista de Psicanálise**. ano, XVI, n. 7. São Paulo: Editora Escuta, 2003a.

_____ Homossexualidade e identidades diversas. O preconceito que as acompanha. In: **Pulsional - Revista de Psicanálise**. ano, XVI, n. 7. São Paulo: Editora Escuta, 2003b.

BARROSO, C.; BRUSCHINI, C. **Sexo e juventude: como discutir a sexualidade em casa e na escola**. 6 ed. São Paulo: Cortez, 1998.

BRASIL-SECRETARIA DO ENSINO FUNDAMENTAL. **Parâmetros Curriculares Nacionais**. Brasília: MEC/SEF, 1997.

COSTA, A. **A Inocência e o Vício - Estudos sobre o Homoerotismo**. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 1996.

DAYRELL, J. O rap e o funk na socialização da juventude. In: **Educação e Pesquisa**. V. 28, n. 1. São Paulo, jan/jun, 2002.

FERNANDEZ, A. **A inteligência aprisionada: abordagem psicopedagógica clínica da criança e da família**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1991.

FIGUEIREDO, R.M.D. (Org.). **Prevenção às DST/Aids em ações de saúde e educação**. São Paulo: NEPAIDS, 1998.

MORGADO, M. A. **Da sedução na relação pedagógica: professor - aluno no embate com afetos inconscientes**. São Paulo; Summus, 2002.

RIBEIRO, D. Juventude, homossexualidade e escola. Disponível em <http://www.e-jovem.org> acesso em 20 jul. 2004.

SOUZA, M. J. L. O território: sobre espaço e poder, autonomia e desenvolvimento. In: CASTRO, E. C.; GOMES, P. C. C; CORRÊA, R. L. **Geografia: Conceitos e temas**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1995.